

RUBEM
BRAGA

29.4.62

TOCAIA

OFICIAL

Oito e pouco da noite. O carro de meu amigo, vindo da Cidade, passou o túnel, seguiu pela Princesa Isabel, dobrou à direita na Avenida Atlântica e dois metros depois foi detido por dois policiais em mangas de camisa. Meu amigo pensou que tivesse havido alguma batida ali adiante, mas logo foi advertido de que estava na contra-mão: depois das oito, a mão é do Pôsto 6 para o Leme.

— Desculpe, muito obrigado — e meu amigo fez menção de manobrar para voltar pelo outro lado da Princesa Isabel.

Pois sim! Foi advertido aos berros (êste verbo advertir está me perseguindo, espero que o Presidente da República e o Presidente do STF não me levem a mal) de que devia encostar o carro ao meio-fio e esperar sua vez de ser multado. Depois de esperar uns quinze minutos, porque outros casos estavam sendo resolvidos na frente, teve apreendidos os documentos do carro e sua carteira de motorista e foi advertido (desculpem!) de que tinha quarenta e oito horas para pagar oito mil e tantos cruzeiros.

A espera deu tempo a que meu amigo observasse bem o caso. Os policiais à paisana eram oito ou dez. Havia um guarda fardado na esquina seguinte, a de Prado Júnior. Não havia nenhum policial, fardado ou em camisa, na esquina de Princesa Isabel, isto é: no ponto em que seria possível evitar que os motoristas vindo da Cidade dobrassem à direita na Avenida Atlântica. Tudo o que havia ali era uma seta apontando para o Leme, seta não luminosa, muito discreta, que não chama a atenção à noite. Tratava-se, portanto, de uma emboscada oficial. Ninguém desconhece que a repartição do Coronel Fontenele já alterou várias vezes a mão em várias ruas de Copacabana, errando e procurando acertar — e provavelmente ainda fará isso. É normal, portanto, que um

motorista se equivoque e tome o caminho ontem certo, hoje errado e amanhã provavelmente certo outra vez. Se os policiais estivessem interessados em evitar êsses naturais equívocos, não ficariam todos na Avenida Atlântica parando os carros para aplicar multas. Bastaria um deles, um só, ficar na esquina, para que todos os motoristas que vinham pela Princesa Isabel fizessem a volta em demanda da Barata Ribeiro. Assim não haveria qualquer transgressão ou inconveniente, pois para voltar teriam de manobrar à esquerda, no sentido da mão. Assim poderiam ser liberados todos os policiais, menos um (o que ficaria na esquina) para fiscalizar outros cruzamentos. Mas também assim não haveria multas.

Ora, isso mostra que a política oficial não é prevenir, é multar. O objetivo dos homens do Coronel Fontenele (meu amigo reparou que alguns deles procuram imitar o chefe nos berros e nos modos) não é assegurar a boa ordem do trânsito, é arrecadar multas. Essas multas, juntamente com outras e mais as taxas absurdas dos currais, fazem com que o Departamento fature alto. Trata-se de tungar o usuário e não de melhorar o trânsito. Os guardas e os homens em camisa não estão ali para orientar; estão de tocaia, para multar. Seria fácil corrigir a tempo uma inadvertência do motorista — para isso bastaria utilizar um só guarda. Prefere-se empregar oito a dez policiais para esperar que o motorista dobre à direita — e multá-lo.

Seria ainda curioso lembrar que depois das oito horas da noite e até o romper da aurora não haveria inconveniente algum, pelo menos naquele enorme trecho, em que a Avenida Atlântica desse mão para baixo e para cima; e, a escolher, seria preferível que desse mão do Leme para o Pôsto 6, uma vez que a Avenida Copacabana dá mão em sentido contrário. Mas isso aí já é uma questão de inteligência e bom senso, e não convém exigir muito nesse terreno quando se fala em Departamento de Trânsito. Que se erre de boa-fé, vá lá. O que me parece um pouco demasiado é que o Departamento, depois de criar a confusão, se aproveite dela para tungar os motoristas, quando seria facilímo orientá-los. Isso não tem nada a ver com trânsito: é assalto, e feio.